

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE (UNI-RN)
CURSO SUPERIOR EM PSICOLOGIA NOTURNO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
PROF. DRA. KARINA CARVALHO VERAS DE SOUZA

A CLÍNICA PSICANALÍTICA E A RELAÇÃO DO SUJEITO COM O DINHEIRO

MANUELE MEDEIROS DE ARAÚJO

NATAL/RN

2024

“A mudança acontece quando a dor de mudar é menor do que a dor de permanecer o mesmo.”

(Sigmund Freud)

A CLÍNICA PSICANALÍTICA E A RELAÇÃO DO SUJEITO COM O DINHEIRO

Manuele Medeiros de Araújo¹
Dra. Karina Carvalho Veras de Souza²

RESUMO: A relação do sujeito com o dinheiro transcende a mera necessidade econômica. É um campo fértil para a psicanálise, pois revela aspectos profundos da subjetividade humana, entrelaçando desejos, medos, angústias, valores e crenças, sendo possível dizer que o sujeito responde a exigências de impulsos internos, denominado por Freud de pulsão. É a eterna busca plena do prazer, da satisfação. O aspecto da pulsão a ser destacado neste trabalho, supõe o dinheiro e a relação do sujeito com este seja considerado como objeto de satisfação. Partindo disso, o objetivo desta pesquisa é elucidar como a pulsão, de acordo com a psicanálise, pode constituir o desejo inconsciente do sujeito e de que modo este entra em conflito com sua condição consciente, levando o sujeito a ações que impactarão negativamente a sua saúde financeira. O estudo provém de uma revisão bibliográfica tomando como referências autores da psicanálise que discutem a relação do sujeito com o dinheiro e como pode se dar o manejo clínico na análise para entendimento dessa subjetividade, possuindo Freud como autor protagonista da discussão. Foi possível observar que a relação do sujeito com o dinheiro é uma expressão da subjetividade humana, revelando aspectos profundos da nossa psique. A psicanálise nos convida a olhar para além da dimensão econômica e a compreender como o dinheiro se entrelaça com nossos desejos, faltas, medos, angústia e valores mais íntimos.

PALAVRAS-CHAVE: Pulsão, Dinheiro, Psicanálise, Clínica Psicanalítica.

¹ Aluna de graduação em Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNI-RN)

² Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

1. INTRODUÇÃO

Este artigo científico nasce de uma busca constante, por parte da autora, em compreender os aspectos que influenciam na relação do sujeito com o dinheiro. Há anos pesquisando e desenvolvendo consultorias na área financeira, foi possível construir a hipótese de que o sujeito não consegue controlar completamente os seus impulsos ou vontades, mesmo estando consciente de que esta ação o levará a uma situação financeira ruim.

Dentre as pessoas já atendidas pela autora deste artigo e de outras tantas já observadas por meio de relatos em redes sociais, artigos e periódicos da área, mesmo entre pessoas que teriam renda suficiente para uma vida financeira estável, poucas são aquelas que afirmam estar confortáveis com suas finanças ou a forma como lidam com elas.

É observável que, especialmente após a pandemia, o pilar financeiro é um assunto de destaque. Muitas famílias perderam suas rendas, muitos negócios foram fechados e aqueles que não tinham reserva financeira se viram em situações delicadas. Ou seja, de forma muito significativa, a sociedade passou a reconhecer a importância de um bom planejamento e organização financeira, mesmo que esta não seja incentivada na escola e na cultura familiar de boa parte dos cidadãos brasileiros. Muitas pessoas precisaram repensar o que é essencial em suas vidas - o que poderia ser cortado e quais despesas estavam sendo supérfluas. Acredita-se que uma das palavras de ordem a partir da realidade instalada na Pandemia Covid-19 foi: prioridade.

Mesmo assim, estas pessoas se deixam levar pelo que é exposto diante de si e, muitas vezes, se perdem em um consumo exacerbado. Conforme Cosenza (2016) exemplifica, as empresas de marketing trabalham fortemente com a abordagem de influenciar os consumidores através dos processos inconscientes associativos quando, por exemplo, associam fotos ou vídeos de mulheres atraentes a marcas de automóveis ou bebidas alcóolicas. É uma prática comum no mercado criar publicidades desse tipo que incitam a falta de racionalidade, estimulando as pessoas a comprarem ou desejarem produtos ou serviços que nem sempre estão de fato precisando.

McKeown (2015, p.179), em seu livro *Essencialismo*, diz: “só é realmente livre aquele que sabe estabelecer limites”. Por que será então que tantas pessoas continuam agindo de forma a manter uma vida além de seu padrão financeiro? Qual a explicação para que os desejos estejam acima da consciência financeira, levando assim o sujeito a uma vida de ilusão perante suas finanças?

Ao longo deste artigo serão considerados aspectos, à luz da psicanálise, que tentam identificar os aspectos psíquicos existentes na relação do sujeito com o dinheiro.

Em sua obra *Algumas Observações sobre o Conceito de Inconsciente*, Freud (1912, p.264) conceitua que “o inconsciente é uma fase regular e inevitável dos processos que fundamentam nossa atividade psíquica”. Por conseguinte, e em referência aos questionamentos expostos acima, é importante levar em consideração o que Freud (1912, p.264) afirma, ainda nesta mesma obra, sobre a relação do inconsciente com o consciente, dizendo que “todo ato psíquico começa inconsciente e pode permanecer assim ou desenvolver-se rumo à consciência”.

Neste sentido, é possível refletir sobre as motivações de algumas pessoas se deixarem levar pelos impulsos ou, mais categoricamente, pela pulsão, haja vista que esta é exclusiva do inconsciente, sendo possível concluir que tais impulsos ou desejos apenas chegarão ao nível de consciência pela representação. Por isso, é compreensível quando algumas pessoas relatam que não sabem por que agiram de determinada forma e que, conscientemente, não fariam, pois estas de forma indubitável entram em conflito entre o consciente, gerado através do orçamento financeiro, e a exigências de seus desejos inconscientes.

Levando em consideração a psicanálise, é possível dizer que o ser humano responde a exigências de impulsos internos, denominado por Freud de pulsão, que, por consequência, constitui o campo do desejo. No livro *Dicionário da Psicanálise*, de Roudinesco e Plon (1998, p. 628), os autores citam o pai da psicanálise, conceituando que “o termo pulsão empregado por Sigmund Freud, a partir de 1905, tornou-se um grande conceito da doutrina psicanalítica, definido

como a carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem”.

Ainda nesta mesma obra, Roudinesco e Plon (1998, p. 629) analisam um acréscimo sobre a definição de pulsão, que Freud faz em 1910:

“Por pulsão, antes de mais nada, não podemos designar outra coisa senão a representação psíquica de uma fonte endossomática de estimulações que fluem continuamente, em contraste com a estimulação produzida por excitações esporádicas e externas. A pulsão, portanto, é um dos conceitos da demarcação entre o psíquico e o somático.”

Concordando com Freud, Slemenson (2001, p. 81), menciona que “a pulsão é pulsação, inquietação e incita o sujeito, necessitando ser apaziguada”. É a eterna busca plena do prazer, da satisfação.

É válido ressaltar que Freud, reiterado por Roudinesco e Plon (1998), enumerou e definiu quatro características da pulsão, sendo elas: a fonte das pulsões, que consiste no processo somático, localizado numa parte do corpo ou num órgão, cuja excitação é representada no psiquismo pela pulsão; a “força” ou “pressão” que constitui a própria essência da pulsão e a situa como o motor da atividade psíquica; o “alvo”, objetivo ou “finalidade”, isto é, a satisfação, mesmo que esta seja alcançada sempre parcialmente, que pressupõe a eliminação da excitação que se encontra na origem da pulsão; E, por último, o objeto da pulsão, que é o meio pelo qual ela atinge seu alvo e nem sempre lhe está originalmente ligado.

O aspecto da pulsão a ser destacado neste trabalho, supõe que o dinheiro e a relação do sujeito com este seja considerado como objeto de satisfação. Esta relação vem sendo observada ao longo do tempo, uma vez que leva o ser humano a comportamentos, muitas vezes, incompatíveis com a sua saúde financeira. Corroborando, pode-se entender que a pulsão, originada a partir do que ultrapassa a necessidade vital, sempre terá o intuito de alcançar a satisfação. Essa será a meta a ser atingida, uma vez escolhido o objeto que, neste caso, é o dinheiro, como citado. É importante salientar também que a satisfação não elimina a excitação, uma vez que esta é sempre parcial.

Slemenson (2001, p. 71) nos leva à reflexão de que o objeto da pulsão escolhido está na ordem da necessidade, de um apelo à vida e acrescenta (p. 74) que “o dinheiro, então, metaforiza a incompletude implicada no desejo que marca uma condição de falta-a-ser (não completo)”.

Diante dessas elucidações, este trabalho parte da seguinte pergunta-problema: como a pulsão, de acordo com a psicanálise, pode constituir o desejo inconsciente do sujeito e de que modo este entra em conflito com sua condição consciente, levando o sujeito a ações que impactarão negativamente a sua saúde financeira?

Assim, com o intuito de adentrar ainda mais nesta temática, este estudo terá como objetivo geral compreender, com base na teoria psicanalítica, como a pulsão se relaciona e/ou se articula ao desejo inconsciente do sujeito. E, como objetivo específico, caracterizar o conceito de desejo em Freud e Lacan.

A metodologia adotada para conduzir esta pesquisa, destacando os procedimentos e estratégias utilizados para alcançar os objetivos propostos, tem caráter de uma abordagem qualitativa, com natureza básica e objetivos exploratórios.

Sobre a abordagem da pesquisa, como citado acima, o presente estudo adota uma abordagem qualitativa, que permite uma compreensão aprofundada e contextualizada do fenômeno investigado. A escolha por uma abordagem qualitativa é respaldada pela natureza exploratória da pesquisa, que busca explorar, descrever e compreender as percepções e significados atribuídos ao tema. A pesquisa tem uma natureza básica, visando ao desenvolvimento e à ampliação do conhecimento teórico sobre o tema investigado.

O procedimento metodológico seguido é bibliográfico, consistindo na seleção e análise crítica de fontes bibliográficas pertinentes ao tema da pesquisa, através de livros e obras clássicas da Psicanálise, como também na base de dados Pepsic, Scielo e Google Acadêmico. O artigo tem como descritores: Pulsão, Dinheiro, Psicanálise e Clínica Psicanalítica, Inconsciente e Conceito de Desejo. Desse modo, no presente estudo, serão apresentadas contribuições tanto de autores clássicos da psicanálise, como Freud e Lacan,

com suas obras literárias, quanto de autores contemporâneos que discutem a temática em questão, nas bases de dados citados.

Diante da busca, foram selecionados alguns materiais, como artigos publicados em português entre 2010 e 2021, e que abordassem o tema Pulsão, Dinheiro e Psicanálise. Artigos que, após a leitura e revisão, foram analisados e selecionados para elaboração do presente artigo. Os critérios de inclusão foram: pulsão, conceito de inconsciente e como a psicanálise pode articular o conflito entre o consciente e a exigências dos desejos inconscientes do sujeito, quando em sua relação com o dinheiro. O período de busca e análises dos artigos foi de quatro meses, sendo fevereiro, março, abril e maio de 2024.

A análise de conteúdo será utilizada como instrumento para esta pesquisa. A metodologia adotada neste estudo permitirá uma análise aprofundada e crítica do conteúdo das fontes bibliográficas selecionadas e referenciadas a seguir, fornecendo insights e contribuições significativas para o avanço do conhecimento na área.

2. DESENVOLVIMENTO

Observou-se, a partir desta pesquisa, que a relação do sujeito com o dinheiro, na psicanálise, não se limita ao campo da economia ou da mera transação comercial. Trata-se de um fenômeno complexo, imerso em processos psíquicos, afetivos e inconscientes, onde o dinheiro pode ser visto como um objeto de desejo, de poder, mas também de angústia e conflito. O estudo dessa relação é um campo fértil para a psicanálise, pois revela aspectos profundos da subjetividade humana, entrelaçando desejos, medos, angústias, valores e crenças.

A psicanálise, como ferramenta para o entendimento dos processos psíquicos, oferece uma perspectiva única sobre como o sujeito internaliza, lida e projeta suas fantasias em relação a esse meio de troca. Ela interpreta que a relação do sujeito com o dinheiro pode ser compreendida a partir do conceito de objeto de desejo, algo que transcende a sua função utilitária de meio de troca. O

dinheiro se torna, nesse sentido, um símbolo de poder, liberdade, status e realização, e, portanto, um vetor de pulsões e fantasias inconscientes.

Freud, ao analisar a relação do sujeito com os objetos e com a sociedade, argumenta que o dinheiro pode ser visto como uma extensão do desejo infantil pela realização de fantasias de onipotência. Ele sugere que a busca pelo dinheiro, como a busca por outros objetos, pode estar profundamente ligada ao complexo de castração e ao medo da falta (Freud, 1923). "O dinheiro funciona como um intermediário de desejo, representando a satisfação de uma falta, mas ao mesmo tempo mantendo o sujeito distante de uma realização plena" (Freud, 1923).

Freud, ao tratar da psicologia do desejo, enfatiza a importância do inconsciente na formação dos vínculos afetivos e nos processos de construção da identidade. Assim, o dinheiro assume uma função simbólica potente, funcionando como um elo entre o sujeito e suas aspirações, muitas vezes irrealis ou inatingíveis. A busca incessante por dinheiro pode ser vista como uma manifestação do desejo de satisfação de necessidades primitivas, como segurança, amor, controle e reconhecimento social.

A teoria lacaniana acrescenta uma nova camada à compreensão da relação do sujeito com o dinheiro ao associá-lo com o conceito de castração simbólica e a falta constitutiva. Lacan (1966) argumenta que o sujeito, em sua constituição psíquica, está sempre lidando com uma "falta" que nunca pode ser completamente preenchida. O dinheiro, sob essa ótica, pode ser considerado um "Objeto A", que busca preencher essa falta, mas que, por sua própria natureza, é incapaz de proporcionar uma satisfação plena. O desejo de possuir dinheiro é, assim, um reflexo da busca incessante por algo que sempre escapa, representando o impossível de ser alcançado.

Dentre os aspectos da subjetividade na relação do sujeito com o dinheiro, é possível destacar:

- a) Significados pessoais: o dinheiro pode carregar significados distintos para cada indivíduo. Pode ser símbolo de poder, segurança, liberdade, sucesso, ou até mesmo de culpa e ansiedade. Essas atribuições de significado são profundamente

personais e moldadas por experiências de vida, valores familiares e influências culturais.

- b) Memórias e emoções: as experiências passadas com o dinheiro, tanto positivas quanto negativas, deixam marcas em nossa memória e influenciam nossas emoções presentes. Uma infância marcada pela escassez pode gerar uma relação de apego e medo com o dinheiro, enquanto uma vida de abundância pode levar a uma atitude mais relaxada e consumista.
- c) Valores e crenças: nossos valores pessoais e crenças sobre o dinheiro moldam nossas decisões financeiras. Pessoas com valores mais conservadores podem ser mais avessas ao risco, enquanto pessoas com valores mais hedonistas podem priorizar o prazer imediato.
- d) Identidade: a forma como gastamos e gerenciamos nosso dinheiro pode ser uma forma de expressar nossa identidade e pertencimento a determinados grupos sociais. A escolha de marcas, o tipo de consumo e até mesmo a forma de poupar podem ser maneiras de comunicar quem somos e a que aspiramos.
- e) Medos e ansiedades: o dinheiro pode gerar uma série de emoções negativas, como medo, ansiedade, culpa e vergonha. O medo de ficar sem dinheiro, a ansiedade de não ter o suficiente para o futuro ou a culpa por gastos excessivos são exemplos comuns.
- f) Desejos e fantasias: o dinheiro também alimenta nossos desejos e fantasias. A possibilidade de adquirir bens e experiências que consideramos desejáveis pode ser um motivador poderoso para trabalharmos e economizarmos.

Vale ressaltar que a subjetividade desempenha um papel fundamental nas decisões financeiras, muitas vezes levando a escolhas que não são necessariamente racionais, como por exemplo os gastos impulsivos e a dificuldade em poupar.

A interpretação freudiana sobre a relação do sujeito com objetos, em especial o dinheiro, pode ser observada na forma como as fantasias de abundância ou escassez se intercalam com os complexos familiares e as

experiências de infância. O dinheiro pode remeter a uma figura paterna simbólica, como um agente de proteção ou opressão, sendo o desejo de acumular riquezas uma tentativa de restaurar ou superar dinâmicas inconscientes de carência afetiva.

Lacan afirma que o sujeito, ao desejar algo (como o dinheiro), está inconscientemente tentando restaurar uma sensação de completude que nunca poderá ser realizada. Para ele, "o dinheiro é o objeto de desejo par excellence na sociedade capitalista, uma representação de poder que jamais preenche a verdadeira falta do sujeito, mas apenas a perpetua" (Lacan, 1966).

Essa falta, ligada à constituição do sujeito no campo simbólico, faz com que o dinheiro não apenas atenda às necessidades materiais, mas também se torne um veículo para a realização de fantasias de poder, controle e reconhecimento. O sujeito lacaniano, ao buscar o dinheiro, busca também a validação do seu lugar no mundo social e a confirmação de sua identidade frente ao "Outro". No capitalismo, essa busca se torna ainda mais exacerbada, pois o dinheiro se torna uma moeda de troca não apenas no mercado, mas também no campo das relações interpessoais e sociais.

Na psicanálise, a relação com o dinheiro também pode ser compreendida a partir de um ponto de vista mais ligado aos mecanismos de defesa psíquica. Freud (1937) sugeriu que os mecanismos de defesa, como a repressão, a negação e a projeção, têm um papel fundamental na formação das atitudes do sujeito em relação a objetos significativos, incluindo o dinheiro. Nesse sentido, o dinheiro pode atuar como um mecanismo de regulação da ansiedade, funcionando como uma forma de lidar com as incertezas e inseguranças que emergem da experiência de falta, do sofrimento psíquico e da finitude humana.

A busca pelo dinheiro pode ser vista, em muitos casos, como uma tentativa de lidar com a angústia de uma vida imprevisível, marcada pela insegurança e pela possibilidade de perda. Para alguns sujeitos, o dinheiro funciona como um substituto para a sensação de controle ou poder sobre o mundo, uma defesa contra o medo da dependência, da vulnerabilidade e da morte. A psicanálise sugere que a busca compulsiva por dinheiro pode estar

associada à tentativa de aliviar um sofrimento interno, como uma tentativa de "tampar" a falta de sentido ou a angústia existencial.

Freud já destacava que o dinheiro poderia ser usado como uma espécie de "objeto de conforto" para aliviar o sofrimento psíquico: "o sujeito que se sente impotente ou frágil, frente à sua condição humana, muitas vezes busca no dinheiro um meio de apaziguar suas angústias e ansiedades internas" (Freud, 1937). Esse comportamento pode se manifestar de diversas formas, seja no consumismo excessivo, seja no acúmulo obsessivo de riquezas, como forma de garantir uma sensação de segurança e controle.

É interessante notar que, no contexto capitalista, a incessante busca pelo dinheiro pode ser vista como um reflexo da alienação do sujeito, que, ao se submeter às normas do mercado e ao poder do consumo, perde de vista as questões mais profundas de sua subjetividade. Lacan, ao abordar a alienação no capitalismo, explica que o sujeito se torna prisioneiro de um sistema que perpetua o desejo por objetos de consumo, criando um ciclo de insatisfação constante: "o sujeito moderno, vivendo na alienação do mercado, não apenas busca a posse do dinheiro, mas também se submete à ilusão de que o dinheiro pode proporcionar a completude do desejo" (Lacan, 1970).

Mediante o disposto acima, é possível entender que a forma como lidamos com o dinheiro está intimamente ligada à nossa construção identitária. A relação com os pais, as experiências de infância, os valores culturais e as vivências pessoais moldam nossa relação com o dinheiro e influenciam nossas escolhas e comportamentos. Quando a relação com o dinheiro se torna obsessiva ou compulsiva, pode indicar a presença de conflitos internos não resolvidos. A compulsão por compras, a avareza, a dívida crônica e o jogo patológico são alguns exemplos de como a subjetividade pode se manifestar na relação com o dinheiro.

Tomando por base o dinheiro como objeto pulsional, este pode simbolizar, dentre outras coisas: o poder de adquirir bens e serviços, de influenciar o mundo e de se sentir seguro; a tentativa de comprar afeto ou aprovação, preencher um vazio interno ou compensar a falta de amor; a proteção contra a incerteza do

futuro, a garantia de sobrevivência e a possibilidade de realizar sonhos; além de punição por desejos considerados impuros ou a forma de expiar culpas.

3. CONCLUSÃO

A relação com o dinheiro é uma expressão da subjetividade humana, revelando aspectos profundos da nossa psique. A psicanálise nos convida a olhar para além da dimensão econômica e a compreender como o dinheiro se entrelaça com nossos desejos, medos e valores mais íntimos.

A psicanálise oferece ferramentas para compreender a complexidade da relação do sujeito com o dinheiro. Através da análise dos sonhos, dos atos falhos, da associação livre e da transferência, o psicanalista pode ajudar o paciente a identificar os significados inconscientes atribuídos ao dinheiro, a explorar as origens dos conflitos, a desenvolver estratégias mais saudáveis de como lidar com o dinheiro e a construir uma relação mais equilibrada consigo mesmo e com o mundo.

Por fim, é importante ressaltar que a compreensão da subjetividade na relação com o dinheiro é fundamental para desenvolver estratégias eficazes de gestão financeira. Ao reconhecer os nossos próprios padrões de comportamento e as emoções que influenciam nossas decisões, podemos tomar decisões mais conscientes e alinhadas com nossos objetivos de longo prazo.

4. REFERÊNCIAS

COSENZA, R. M. **Por que não somos racionais: como o cérebro faz escolhas e toma decisões**. Porto Alegre: Artmed, 2016

COUTO, Daniela Paula do. Freud, Klein, **Lacan e a constituição do sujeito**. *Psicol. pesq.*, Juiz de Fora, v. 11, n. 1, p. 1-2, jun. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472017000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 nov. 2024.

FREUD, Sigmund. **“Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”** (1905)

FREUD, Sigmund. **“A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão”** (1910)

FREUD, Sigmund. **“Algumas observações sobre o conceito de inconsciente”** (1912)

FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id**. São Paulo: Companhia das Letras, 1923.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1937.

LACAN, Jacques. **Escritos**; tradução Vera Ribeiro. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise**; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Paris: Seuil, 1969-1970.

MCKEOWN, Greg. **Essencialismo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2015

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução: Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988

SLEMENSON, Karin de Paula. **Sobre a inclusão e o manejo do dinheiro numa análise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001